

Arthur Poerner

Entrevistadora: Carla Siqueira

Data da entrevista: 31/07/2008

Qual o seu nome completo, data e local de nascimento?

Meu nome completo é Arthur, com TH, José Poerner, mas na verdade eu assino os artigos e livros de uns tempos pra cá, já há alguns anos, só com Arthur Poerner. Eu fiz isso porque em muitos casos, como é mais eufônico dizer José Arthur, então, muitas vezes trocavam, botavam José Arthur, tem mais eufonia na verdade, então, eu resolvi simplificar, Arthur Poerner. Eu nasci em 1º de outubro de 1939, aqui no Rio de Janeiro, o bairro não é Catumbi, é ali, como é que chama? Junto a Catumbi, agora me deu um branco.

Rio Comprido?

Rio Comprido. Mas meus pais moravam na Lapa e eu cresci na Lapa.

E como foi crescer na Lapa?

Foi muito interessante, a Lapa ainda tinha muito de boemia, mas eu evidentemente tinha vetado essa área, porque eu tinha, vivi lá até os 13 anos. Mas aconteciam coisas interessantes na Lapa, era muito democrática a vivência ali, era multirracial, era multissexual também. Ali na Lapa, eu me lembro na época, se convivia com homossexuais, havia de tudo ali, era uma área muito democrática. E também hoje em dia é interessante verificar que o edifício em que eu morava, por exemplo, no quarto andar, morava o maior, primeiro astro brasileiro de futebol, morava ali, Leônidas da Silva. Eu não cheguei a conhecer, porque eu era ainda muito pequeno, mas ele morava ali. Quer dizer, o maior jogador de futebol da época, o primeiro grande craque de renome nacional, que tinha sido, um ano antes do meu nascimento, o artilheiro da Copa da França, de 1938, morava de aluguel, na Lapa. Hoje em dia você vê, qualquer reserva aí tem dinheiro, praticamente, pra comprar um apartamento quase por ano, ganham muito bem. O futebol não era ainda uma fonte de renda como é hoje, quer dizer, ainda não era uma coisa de mercado, como é hoje. Interessante.

Qual era o nome e a atividade de seus pais?

Meu pai chamava-se Arthur Poerner. O pai dele era austríaco e a mãe era tcheca. Ele já era nascido no Brasil, e ele era alfaiate. Era um alfaiate não estabelecido, que passou a vida tentando ter uma alfaiataria, então, ele trabalhava em casa, ele era um profissional independente, mas ele dependia do que ele fazia, dos ternos que ele fazia. E minha mãe era ex-babá, e até de gente conhecida e tudo isso, e depois se tornou, depois de casar com ele, se tornou calceira, ela fazia as calças, ele fazia os paletós e ela fazia as calças. Então, pelo menos eu e meu irmão andávamos muito bem vestidos, tínhamos roupinhas muito boas.

Como era o nome da sua mãe?

Minha mãe era Catarina.

Você estudou aonde?

Eu fiz o primário, na época se chamava curso primário, em Santa Teresa e morava na Lapa ali, na Riachuelo, e subia todo dia a ladeira de Costa Bastos, e ia lá para o Largo das Neves, dali descia uma ladeirinha e chegava a escola 53 Santa Catarina, onde eu fiz o curso primário. Na época ainda tinha Admissão, tinha a quinta série, mas eu entrei direto na segunda, eu sempre, desde pequeno gostava muito de ler, tinha muita curiosidade, então, entrei na segunda e fui até a quinta ali, porque na época tinha Admissão, a quinta série era admissão. E depois, comecei o ginásio no Amaro Cavalcanti, ali no Largo do Machado.

E é no Amaro Cavalcante que começa sua militância política?

Não, não, não. Eu era muito pequeno ainda. No Amaro Cavalcante começou, talvez, o jornalismo, um jornalzinho de escola assim, e também um clubezinho de futebol, um timezinho de futebol, que nós, nós pelo menos chegamos a ter carteirinha e tudo, aquelas carteirinhas que faziam, mas também não passou disso. A política só veio já mais tarde. Eu digo o ano, precisamente, seria o ano 1961, foi um ano determinante na minha vida, por várias razões. E eu fui me politizando muito aceleradamente. Inclusive, contribuiu para isso a invasão de Cuba, aquela invasão promovida pelo governo norte-americano.

Crise da Baía dos Porcos?

Baía dos Porcos.

Você já estava em jornal?

Não, em 1961, não. Eu só comecei em jornal em 1962. Em 1961, eu era egresso da Escola Naval, já tinha antes de Escola Naval, já tinha trabalhado, comecei a trabalhar aos 15 anos com carteira assinada, carteira de menor. Trabalhei como estafeta, depois como bancário, e depois fiz o concurso para o Colégio Naval, passei, e o Colégio Naval, vamos dizer, foi o científico, ali em Angra dos Reis, de frente a Ilha Grande. E depois, em 1962, não, aí em 1961, depois de eu sair da Escola Naval, e aí tive pequenas coisas, tudo isso, fui inclusive comissário de bordo, tinha o projeto de ser piloto na Amazônia, fiquei muito tempo para empresa Cruzeiro do Sul. Aí, em 1962, no primeiro semestre, eu comecei em jornalismo. E comecei no jornalismo com bastante entusiasmo, primeiro no *Jornal do Commercio*, depois, fui contratado pela Standard Propaganda, Standard Propaganda era uma grande empresa de publicidade, aí já como redator, no *Jornal do Commercio* era repórter, aí já como redator e assistente de relações públicas. E dali, ali eu conheci Osvaldo Peralva, e Osvaldo Peralva sucedeu ao Jânio de Freitas, como diretor superintendente do *Correio da Manhã*, em 1963, segundo semestre, então, em 01 de outubro de 1963, eu fui para o *Correio da Manhã*. E aí vivi aqueles anos de grande turbulência no *Correio da Manhã*, e foram muito importantes mesmo, porque o *Correio da Manhã*, ele era um jornal que tinha grande importância política, ele tinha uma posição liberal, vamos dizer, mas ele era um jornal assim, que todo mundo acompanhava muito a linha política dele, a linha política dele era uma indicação para quem acompanhasse a política nacional, as posições que ele tomava. Ele tomava posições, às vezes, ele era muito determinado. Por exemplo, ele no governo de Artur Bernardes, ele passou um ano e tanto sem poder circular. Ele era um jornal que tinha uma tradição também de valentia, de briga, isso fazia parte do DNA do *Correio da Manhã*. E eles apreciavam ali muito isso, era o espírito da casa, você ter coragem de fazer suas... O jornal lutou muito, foi muito determinante na posse, pela posse do João Goulart, ameaçada quando houve a renúncia de Jânio Quadros. Nessa ocasião, aliás, o Otto Maria Carpeaux, que era um austríaco, fugitivo do nazismo, fez históricos editoriais, isso foi em 1961, né? Em 1961, é. E depois então o jornal defendeu muito a posse do Jango, mas o jornal, depois do governo Goulart, foi se colocando contra o governo Goulart. Em 1964, nos três dias ali, 30 de... Peraí, o golpe foi 1º de abril, então, nos dois dias anteriores, nos últimos dois dias de março, saiu um, saíram três editoriais de primeira página contra o governo Goulart, o primeiro intitulado "Basta!", o segundo "Fora!", com ponto de exclamação assim, primeira

página do editorial, e o terceiro, já no dia do 1º de abril, "Basta e fora!". E dois dias depois, o *Correio da Manhã* já tomava uma posição contra os rumos que tomava o novo regime. Então, o Carpeaux de novo escreveu um editorial muito importante, histórico, "Basta e fora ditadura". Aí já com as primeiras violências ocorrendo. E no dia 02 de abril também, exatamente neste dia, 02 de abril, o Carlos Heitor Cony, que era o, Carlos Heitor Cony já era conhecido como escritor, ele tinha publicado *O Ventre*, aquele livro do ventre, como é o nome? Romance, primeiro romance dele, em 1958, está fazendo 50 anos agora. E ele tinha, no *Segundo Caderno* do jornal, uma coluna chamada "Da arte de falar mal", na qual ele se ocupou, até então, sempre de assuntos culturais diversos, nunca se tratou de política o Cony, então era filme, cinema, teatro, literatura, eram os temas dele. E ele, de repente, faz no dia 02 de abril a sua primeira coluna, que cujo título eu estou tentando lembrar, mas... Ah! "Da salvação da pátria". Então, ele conta com muita ironia e sarcasmo, ele morava no Posto 6 de Copacabana, quando ele estava se recuperando de uma operação, e ele não estava nem indo ao jornal, aí desce ali no dia 1º de abril, com o Carlos Drummond de Andrade, que era vizinho dele, e andam por ali, coisa e tal, Posto 6, dando uma caminhadazinha, e era o dia do golpe. Então, eles passam ali pelo Forte de Copacabana, e tem ali um oficial, um coronel, arrumando uns tijolinhos assim no chão, botando um tijolo em cima de outro tijolo, e aí ele pergunta, eles perguntam ao coronel: "Por que esta fazendo isto?", "Isso é pra impedir o avanço", aí, quer dizer, uma coisa... E ele pega, faz disso uma crônica de um sarcasmo assim, é arrasador. E aquilo tem uma enorme repercussão, e ele embarca por essa. E aí, o Cony, na verdade, pra nós que estávamos ali, os que tinham vontade de resistir, ele indicou o caminho, ele apontou: "Olha é possível resistir a uma ditadura pelas páginas deste jornal", porque aí o *Correio da Manhã*, foi crescendo, foi crescendo, foi crescendo, e vários de nós ali seguimos este caminho. Eu era muito jovem, como nessa foto que você viu ali, e então eu tinha cabelos mais avermelhados do que hoje, e o Cony era um cara muito gozador, aí ele me deu o apelido de pequeno príncipe, "Ali o pequeno príncipe coisa e tal", eu era o pequeno príncipe. E eu era muito entusiasmado, jornalista novo, cheio de ideias, cheio de ideais, e aí eu fui, mas eu fui escrevendo mesmo contra a ditadura, eu fazia as coisas, eu era quintalista da Faculdade Nacional de Direito, eu participava também de movimento estudantil, era um cara que eu... Em 1968, quando saiu o poder jovem, esse já era o meu terceiro livro. Então, em 1966, quando veio, em 1965, tinha vindo o Ato Institucional número dois, por causa da eleição do Negrão de Lima aqui, e do Israel Pinheiro em Minas. Então, a ditadura reagiu, ainda com o Castelo Branco, e fez

o Ato Institucional número dois, eliminando os 13 partidos políticos existentes, substituindo-os por dois, o bipartidarismo, então, era o MDB e o Arena. Então, houve um movimento para transformar o MDB realmente numa oposição. E no jornalismo também, o movimento dos jornais, então, quatro jornalistas foram indicados para fazer parte da direção, do Diretório Estadual da Guanabara, na época era Estado da Guanabara, do MDB. Fomos eleitos na ABI, e um deles fui eu. Fui eu, foi Hermano Alves, eu acho que o Márcio Moreira Alves, todos também do *Correio da Manhã*, e o Fabiano Villanova Machado, já falecido. E aí, isso indicava, claramente, que nós seríamos candidatos, nós escrevíamos no *Correio da Manhã* todos nas eleições daquele ano, 1966. Em quatro de julho, eu tive os direitos políticos suspensos por dez anos, com menos de quatro anos de jornalismo. E aí o Cony, que era um, aí ele reformulou o meu apelido, eu não era mais o pequeno príncipe, ele passou a dizer, porque ele andava pela redação o tempo todo fazendo brincadeiras e ele andava, fumava cachimbo, na época se fumava normalmente nas redações, e ele lá com o cachimbo dele, pitando o cachimbo, e fazendo gozações e brincadeiras com todo mundo. Aí ele cassou meu apelido de pequeno príncipe e passou a dizer que eu era filho de Antoine de Saint-Exupéry, o autor do pequeno príncipe, com Dolores Ibarruti, *La pasionaria*, grande militante comunista da guerra civil espanhola. [risos] Ele mudou a minha, criou uma nova identidade pra mim. Depois ele saiu de lá, mas eu continuei ali no *Correio da Manhã*, fazendo meu trabalho. No dia 03 de dezembro de 1968, eu essas alturas, cuidava muito da parte de política externa e diplomacia do jornal, escrevia sobre isso. E então, eu me lembro que foi o dia que ia sair o AI-5, saiu o AI-5, então eu liguei do Itamarati, ou das proximidades do Itamarati, para o *Correio da Manhã*, falei com o Peralva, ele disse: "Hoje não tem nada aqui, está todo mundo voltado pra reunião ministerial e do conselho de segurança nacional", que se processava no palácio das Laranjeiras, palácio... Qual era mesmo? Aquele ali das Laranjeiras, tem um palácio ali em cima, como é o nome ali, no, no... Como é o nome? É palácio das Laranjeiras, não é? Era ali, eu acho que é ali, e com o Costa e Silva, presidente. Aí o Peralva disse pra mim: "Então nem vem aqui, nem vem aqui, que o dia hoje é brabo", mas queria saber das coisas, saber o que é que ia acontecer, como é e tal. Aí eu disse: "Mas eu não quero saber", ele disse: "Olha, se você vier, eu não garanto que você consiga sair". E de fato, a coisa foi se agravando, agravando, e já de noite, eu não sei mais precisar a hora, mais já era de noite, saiu o Ato Institucional número cinco. E um jornalista chamado Alberto Cury, muito conhecido, começou a ler o Ato Institucional número cinco, pela... Em cadeia nacional, em cadeia nacional. Quando isso ocorria, houve uma

invasão policial militar do *Correio da manhã*, a redação era no terceiro andar, e aí eles ficaram logo procurando gente. Peralva desceu para saber o que estava acontecendo e foi imediatamente algemado com as mãos pra trás, e jogado dentro de um camburão. A Niomar, que era dona do jornal, uma senhora baianinha, valente à beça, desceu também, fumava sem parar, deu bronca, coisa e tal. Foi aí que saiu um tiro, que ficou durante muito tempo, não sei se ainda está alojado ali na entrada da Avenida Gomes Freire, 471, que hoje é outra coisa, não sei bem o que que é aquilo, eu acho que é ligado a Petrobras.

Tribunal Regional do Trabalho.

Ah! Tribunal Regional do Trabalho. E aí nós três, e tinham três que eles estavam procurando lá em cima, um dos quais era eu, no terceiro andar. Era eu, o Edmundo Muniz, e o Franklin de Oliveira. E aí nós fomos avisados pelos colegas e encaminhados para sair pela janela, e saímos pela janela, eu acho que do segundo andar, descemos um andar, e em cima de pranchas passamos para um prédio que dava de frente para, encostava a parte de trás com *Correio das Manhã*, e nós saímos do *Correio da Manhã* para parte de trás desse prédio, que dava de frente para a Lavradio. E dali depois, aconteceu um episódio, ali aconteceu naquela noite uma coisa muito bonita, emocionante também, porque era um prédio de gente muito pobre, gente tudo, era tipo assim um cortiço quase, lembra o Aloísio Azevedo *O Cortiço*. E ali as pessoas, todo mundo viu, desse prédio, muita gente viu que nós estávamos saltando para lá, e ninguém falou nada, ali é pertinho do DOPS, o DOPS era ali na Rua da Relação. Nós entramos ali, e era um apartamento de gente muito pobre, era um alfaiate e uma costureira, por acaso até aparentados profissionalmente comigo. Nem eram casados, nem nada, eles, por pobreza, eles rachavam um sala e quarto, uma quitinete, ela tinha filhos, e eles mobilizaram tudo ali pra nos receber muito bem, ainda providenciaram até um lanche, fizeram ali com vizinhos, racharam ali um dinheiro e fizeram um lanche pra gente. E aí a Niomar não foi presa naquela ocasião, a Niomar começou a se preocupar em tirar o Edmundo, salvar o Edmundo que era, o Edmundo era primo e cunhado dela, primo e casado com a irmã dela. Então, a Niomar mandou, isso foi um lado, um lado, vamos dizer, a gente sempre procura ver, o pessoal quando, já houve vários comentários que eu vejo sempre o lado também engraçado das coisas trágicas, e inclusive naquele livro *Nas profundas do inferno*, sobre a experiência na prisão, o lado engraçado também. Então, houve um episódio, que não deixa de ser muito engraçado. A Niomar mandou para ele, para o Edmundo, um macacão, na época, no

segundo andar era a oficina do jornal e os operários trabalhavam de macacão, aquele macacão. E o Edmundo tinha que vestir aquele macacão para sair depois com os operários, os gráficos, então, ele tinha de se tornar fisicamente um gráfico, um operário. Mas o Edmundo era um homem muito formal, ele tinha tido tuberculose na juventude, então, ele era muito zeloso, vamos dizer, receio de frio, de vento, de coisa. Ele andava, mesmo no verão carioca, que não é brincadeira, Edmundo andava sempre de terno escuro e com colete. Então, o Edmundo tentou cumprir ali a incumbência de botar o macacão, mas tentando salvar as suas vestes burguesas, digamos assim. E aí ele fazia isso e se apresentava para mim e para o Franklin de Oliveira, para ver se ele já estava bem, bem operário, e aí a gente vetava: "Não, Edmundo, não dá, tira também o colete", aí ele foi se desfazendo. Até que finalmente ele veio já se sentindo um operário padrão mesmo e aí nós ainda descobrimos dois erros injustificáveis, quer dizer, ele ainda tinha o aro de ouro dos óculos e também um relógio que operário nenhum usava. Então, depois de privado de tudo, do resto de vestimentas burguesas, ele foi aprovado por nós e saiu com um grupo de operários que foram... Saía sempre um grupinho, ia pegar café, levava um bule grande, trazia para aqueles que não podiam sair naquele momento, depois eles se revezavam, e num desses grupos o Edmundo saiu, e foi assim parar na embaixada do México. Então, são muitas coisas já, já estou falando há muito tempo, né? [risos]

Não, então, eu queria voltar mais um pouquinho, Poerner, pra gente detalhar um pouquinho os acontecimentos. Em 1964, quando tem os famosos editoriais do *Correio*, "Basta", "Fora", "Basta", Fora, qual foi a repercussão no momento desses editoriais? Porque eles são muito virulentos.

São, são. Eles indicaram, claramente, que o jornal estava contra o governo. Tiveram repercussão, sem dúvida, porque a opinião do jornal era muito levado em conta, sobretudo na classe média, era um jornal de classe média, que tinha uma respeitabilidade muito grande, porque ele tinha sempre tomado posições importantes ao longo da história brasileira, desde o início do século, século XX. Ele é do início do século XX, não me lembro agora que ano, primeira...

1901.

1901, né? Isso mesmo, ele é logo do início do... Então, ao longo da história da República, o *Correio da Manhã*, sempre tem posições assim marcantes, a ponto de... E era opinião tão respeitada, que ele passou quase dois anos sem poder circular no

governo do Artur Bernardes. Então, era um jornal muito defensor assim de uma linha, ele era liberal, não no sentido, vamos dizer, econômico da palavra, no sentido político da palavra, ele era liberal, defensor das liberdades democráticas e tudo. Então, o fato de ele ter tomado essa posição naquele momento certamente influenciou muita gente, na classe média, sobretudo. Havia um movimento, lógico, já sendo articulado há muito tempo, pra mobilizar essa classe média a favor do golpe. Isso já, daí surgiram, aliás, os grandes centros urbanos, como Rio e São Paulo, surgiu aquele movimento direitista das massas da família com Deus pela liberdade.

Poerner, e nesse momento em que o jornal está contra o governo Jango, qual é a sua posição política?

Olha, a minha posição a essas alturas já era inteiramente em defesa do Jango. Eu já era uma pessoa plenamente politizada, porque eu saí da Escola Naval, eu era um rebelde sem causa, eu era rebelde, eu tinha uma tendência a rebeldia, eu entrei na Escola Naval, na Marinha de Guerra, como jovem de família pobre e achei aquilo tudo ótimo, porque tudo depende de onde você veio. Então entrei ali, puxa vida, e recebi um enxoval das, tinha uma loja ali na Praça Tiradentes que dava enxoval para os jovens que passavam na Marinha de Guerra, tantas cuequinhas, tantas camisinhas, camisetas, aí entrei ali muito contente. Aí, durante o primeiro ano, fui o aluno de melhor comportamento entre 212 ou 213. Mas nos segundo ano, eu já comecei a contestar muitas coisas, eu já comecei a raciocinar em torno daquilo. E eu lia muito, eu comecei a ler, ali na biblioteca mesmo do Colégio Naval, em Angra dos Reis, tinha, por incrível que pareça, tinha Sartre, eu comecei a me interessar muito, eu queria dizer que eu sou alguma coisa. Uns diziam "Eu sou comunista", outro dizia que era isso, cada um queria, eu queria também dizer que eu era alguma coisa e comecei a dizer que eu era existencialista, porque eu gostei muito do Sartre. E aí lia muito tudo isso, e comecei a ler, e aí já comecei a ter problemas de disciplina, comecei a contestar certas coisas. Mas o grupo era, em sua esmagadora maioria, muito alienado, a formação nossa era muito alienada, muito alienante. E com a saída da Escola Naval, o meu irmão a essas alturas frequentava, mais jovem, meu único irmão, mas ele frequentava o ISEB – Instituto Superior de Estudos Brasileiros, que era um, era aqui em Botafogo, era na Rua das Palmeiras. E aí ele me falava daquilo, ele lia muitas coisas, e um dia, eu me lembro que me chamou, que era uma coisa muito importante que ia haver ali no ISEB, que era simplesmente a visita de Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir, tiveram ali, e eu me lembro nós ali sentados no chão ali do ISEB, ouvindo

Sartre e Simone de Beauvoir. O Sartre falando da experiência dele, ele tinha vindo de Cuba, já tinha escrito um livro sobre Cuba, cujo nome eu não vou me lembrar agora, mas é um livro que teve logo muita repercussão aqui no Brasil, furacão sobre Cuba, alguma coisa assim, não me lembro agora o título. E aí eu fui me politizando. Então, em 1961 mesmo, eu fui pra Marinha de Guerra, eu fui pra aviação, e eu me lembro, nunca tinha, embora vindo ali de família pobre, da Lapa, eu nunca tinha visto assim fome mesmo, fome mesmo assim, a não ser pessoas na rua, que já existiam e tudo. Mas ali, viajando pelo Norte, sobretudo, aquela, comecei a ter, a ficar chocado com que havia de fome mesmo. Por exemplo, o avião era um DC-3, DC-3 era um avião muito precário, hoje em dia é peça de museu, e ele dançava ali no meio daqueles cúmulos lindos ali da Amazônia, aquelas nuvens concentradas, preparando aquela chuva do entardecer, o avião agitava, ficava muito agitado, as pessoas passavam mal, mesmo os passageiros de lá, passavam mal, e aí sobrava comida. Eu era comissário de bordo, eu me lembro de uma vez, descemos numa cidade chamada... Eu tenho anotado isso nas memórias, eu não sei se é, Carolina eu acho, e o avião foi cercado assim por crianças que pediam comida, um bando mesmo, e aqueles sanduíches todos sobrando ali, eu nem perguntei nada ao comandante, comecei a distribuir, jogar lá do avião, era um pouco alto, eles iam pegando aquilo, aí mandei eles organizarem filas, distribuí ali o... E aí comecei a me atinar pra essas coisas, e também a simpatia por Cuba a essas alturas, Cuba tinha feito uma revolução, e as primeiras medidas, reforma agrária, a alfabetização do povo, essas coisas todas me empolgaram, a mim e a muitos outros. Eu sei que quando houve a invasão da Baía dos Porcos, eu já sofri com isso, eu já me emocionei, eu já era politizado, eu já não era mais só um rebelde sem causa, eu já tinha, era um rebelde com causa. E aí, a experiência no *Correio da Manhã* foi determinante também pra isso, porque eu me lembro, por exemplo, a minha proximidade com Carpeaux, Carpeaux era de origem austríaca, ele era um austríaco, e isso certamente, o fato de eu ter tido um avô paterno austríaco, que eu nem conheci, aliás, teve um papelzinho nessa aproximação, mas a empatia foi muito mais, a empatia entre nós foi muito mais pela nossa vontade de resistir a ditadura? Carpeaux, em mais velho do que eu, via meu entusiasmo e também se entusiasmava, entende? Então, aquilo passava de um para o outro, a gente fazia coisas. Aí em 1965, ante o esmagamento, o silenciamento da imprensa, vamos dizer imprensa progressista ou livre, no Brasil, um grupo criou, com ajuda do Partido Comunista Brasileiro, a *Folha da Semana*. O primeiro diretor foi o jurista Alfredo Tranjan, mas

com o Ato Institucional número dois, aquele a que eu já me referi, 27 de setembro de 1965, acho que é 27 de setembro de 1965, ou outubro, não me lembro.

14 de outubro.

14 de outubro? Então estou trocando datas. Mas aí, o Tranjan resolveu deixar a direção da *Folha da Semana*, que estava no seu décimo número. O jornal, para circular, precisava ter um diretor. Então, eu me lembro que apareceram lá no *Correio da Manhã* o Sérgio Cabral, o Maurício Azedo, foram vários ali me perguntar, porque senão o jornal não podia circular na semana seguinte, o número 11, se eu aceitaria ser o diretor, e eu aceitei ser diretor. Então, eu fui o diretor da *Folha da Semana* de então até o número 43, do número 11 ao número 43, e que foi de 30 de junho de 1966, porque tendo os direitos políticos suspensos, eu já não pude mais ficar na direção, depois o último diretor, terceiro e último diretor da *Folha da Semana*, foi Anderson Campos, um jornalista pernambucano. Mas quando eu fui pra lá, estávamos falando do Carpeaux, eu logo, Carpeaux já tinha colaborado para o jornal, mas eu pedi e ele aceitou ser um articulista permanente, um colaborador permanente, tinha Carpeaux toda semana.

Poerner, já que você está falando Carpeaux, quem eram os principais, você comentou, falou sobre o Cony também e tal, Edmundo, mas quem eram os principais jornalistas que estavam no *Correio da Manhã*, nessa época?

Olha, nessa época, os principais jornalistas eram, tinha o Osvaldo Peralva, era o diretor superintendente. O chefe de redação mudou várias vezes, mas numa fase muito crítica, foi logo no início, foi o Antônio Callado, Antônio Callado que foi uma grande figura, porque eu levava denúncias a ele, ele confiava plenamente no que eu dizia pra ele, ele dizia: "Faz que eu ponho", e botava na primeira página. Eu me lembro de uma vez, eu cheguei ali no jornal num sábado, num sábado, sábado a gente ia à tarde só para o jornal, quer dizer, eu ia à tarde, porque eu estava como copidesque nessa época. Eu estive em vários lugares como redator ali, também como repórter enviado para o exterior, para várias coisas, repórter especial. Mas aí, eu recebi uma... Ali, quando cheguei no sábado à tarde, recebi um bilhete amarfanhado, aquele bilhete que você recebe, de um conhecido dos tempos da Marinha de Guerra, só que era um marinheiro, marinheiro que tinha sido preso, que eu conheci, uma vez quando fui fazer operação de menisco, eu jogava futebol, no Hospital Central da Marinha, ali na entrada da Bahia de Guanabara, na Baía de Guanabara, e conheci esse,

se chamava Pedro Viegas. Pedro Viegas era um dos líderes do movimento dos marinheiros, maranhense, inteligente à beça, vive ainda, e ele estava ali na Frei Caneca, numa prisão, cercado de 80 pessoas ali, marginas, bandidos, ali, ele estava, ele era um preso político colocado ali, e aí mandou aquele bilhete. Eu levei isso para o Calado assim como estava, aí o Calado disse: "Faz uma nota aí e ponha, vamos dar isso amanhã na primeira página". Era assim, ele nem, ele confiava no que eu dizia. Aí botou ali, fez uma nota na primeira página, que teve uma repercussão tão grande, que o secretário de segurança do Rio de Janeiro, da Guanabara, na época era Guanabara, na segunda-feira, isso foi, a nota saiu no domingo, na segunda-feira ele visitou o *Correio da Manhã*, inclusive pra dizer que este problema já estava resolvido, o Viegas já tinha sido tirado de lá. Porque o *Correio* tinha muito prestígio ainda, mesmo no início, na resistência a ditadura, ele manteve esse prestígio. Mas ele foi sendo minado, minado, minado, até que, depois do AI-5, quando eu também depois saí dali, daquele lugar onde a gente estava escondido, e passei uma fase clandestina, fui para o exterior, quando voltei o jornal já estava arrendado aos irmãos Alencar, aí já não era mais aquele jornal, não era aquele jornal de resistência.

Poerner, o *Correio* é o primeiro a denunciar tortura, logo depois do golpe, né?

Ele é o primeiro, e durante muito tempo o único. Alias, o Cony, já falou sobre isso também recentemente no jornal da ABI. Aliás, houve uma coisa muito interessante, que está relacionada ao projeto de vocês, em setembro do ano passado, eu acho, eu fui falar com o Cony, estou me lembrando agora, num festival *Recine*, ali no Arquivo Nacional, que tem o acervo iconográfico do *Correio da Manhã*, comprado do Gasparian, quer dizer, o Gasparian comprou e doou, justamente. E ali era uma mesa sobre o *Correio da Manhã* que eles resolveram homenagear nesta revista *Recine* número quatro, porque eles sempre fazem assim, um festival de cinema, relacionado sempre a um tema, e no ano passado foi sobre cinema e imprensa. Então, saiu uma revista, também saiu uma revista número quatro, muito interessante, e houve esses debates, essas mesas, eu fiquei numa mesa com o Cony. E então o Cony também disse isso, que o *Correio da Manhã* foi, durante muito tempo, ele foi o primeiro e durante muito tempo o único. A *Última Hora* até certo ponto acompanhava, era também, quer dizer, não era nem um pouco simpática com o golpe, com o regime militar, mas ela também acompanhava, mas não era assim tão direto quanto o *Correio da Manhã*. O *Correio da Manhã* era... A *Última Hora* tinha o Stanislau Ponte Preta, o Sérgio Porto, tinha várias pessoas ali também, que nos seus textos ridicularizavam certos atos e contestavam

atos ditatoriais, mas o *Correio da Manhã* foi determinante, a ponto de o *Correio da Manhã* era o lugar de imediato, onde muitas daquelas pessoas que estavam presas, vamos dizer, ali na Rua da Relação, no DOPS, a pessoa saía da prisão um mês depois, foi preso ali, operário, coisa e tal, aquele macacão. Aí saía, os mais combativos iam lá mostrar sinais de violência que tinham recebido, tudo isso na redação do *Correio da Manhã*, os mais combativos.

Poerner, você lembra, ainda em 1964, poucos meses depois do golpe, aquelas matérias que o Márcio Moreira Alves fez no Recife, denunciando a situação?

Lembro, lembro.

Qual foi a repercussão dessas matérias?

Ah! Muito grande, muito grande. Porque... Houve até um IPM, eu acho, sobre isso. Quer dizer, houve um estudo, um inquérito, mas provocado, em grande parte, pelo trabalho do Márcio Moreira Alves. E eu me lembro de um general chamado Taurino de Resende, que era um general correto, pai de um cineasta, Sérgio Resende né? Sérgio Resende. Então teve diversas, tudo que fazia no *Correio da Manhã*, nessa época, nesse terreno, porque o *Correio da Manhã* era o único que tomava essas posições assim, denunciava, e tudo, isso tinha uma enorme repercussão. E aí passou a acontecer uma coisa que muita gente não entendia, o *Correio da Manhã*, teve uma época que às dez horas da manhã já não tinha mais *Correio da Manhã* nas bancas, ele tinha, a procura era muito maior do que a tiragem. Então, as pessoas diziam: "Mas poxa, por que não faz mais?". É porque fazer mais ampliava o déficit do jornal. O jornal passou a ser, ele começou a ter seus caminhos financeiros tolidos. Então, por exemplo, a imprensa, a publicidade de empresas, começou a ser cortada, as empresas começaram a ser pressionadas a não dar publicidade ao *Correio da Manhã*. A publicidade oficial, aquelas coisas que tem que sair em jornal, governamental, vamos dizer, também foi saindo, deixando de sair no *Correio da Manhã*. Então, o jornal que tinha uma página de um caderno de anúncios e matérias desse tipo grande, começou a minguar. Então, o custo industrial do jornal, passou a não ser mais coberto pelo custo do exemplar na banca, entende? Isso tinha que, não dava, nem com os anúncios que tinha, então, começou a haver um déficit. Fazer mais jornal, fazer maior número de jornais, ampliar a tiragem significava ampliar o déficit financeiro do jornal.

Poerner, além das matérias denunciando tortura, que teve o caso das matérias do Márcio Moreira Alves, em Pernambuco, os editoriais do *Correio da Manhã* também eram muito afiados, muito fortes contra a ditadura. Quem, nesse período ainda, no início de 1964, 1965, quem pensava e escrevia esses editoriais?

Olha, esses editoriais sempre eram feitos com, havia uma conversa entre os editorialistas e aí um era escalado para fazer tal ou tal editorial. Os editorialistas ficavam numa sala a parte na redação, que tinha o apelido de *petit trianon*, ali no terceiro andar. Então, entre os editorialistas tinha o Cony, o Carpeaux, José Lino Grünewald. Deixa eu ver quem mais eram os editorialista ali, tinha Frank de Oliveira, Frank de Oliveira, Hermano Alves, eram editorialistas todos, e alguns deles também faziam além da parte editorial, editoriais, faziam artigos, faziam textos assinados no jornal.

Poerner, você lembra o episódio em 1965, logo depois do AI-2, de como foi a saída do Cony e também do Calado?

Isso eu não lembro bem não, sabe por quê? A gente tinha ali, era uma dinâmica ali, e de repente eles saíram, então eu na me lembro bem...

Foi quando teve o AI-2, no dia seguinte, na coluna do Cony, ele escreveu: "A partir de agora, o Brasil, os Estados Unidos do Brasil passa a se chamar os Estados Unidos do Brasil", Brasil dos Estados Unidos, exatamente, passa a se chamar Brasil dos Estados Unidos.

Não, isso aí eu não acompanhei bem, e pode ser por várias razões. Porque eu também às vezes viajava, entende? Eu viajei algumas vezes. Em 1965, por exemplo, que foi isso, eu me lembro, eu tive um tempo fora, fui pra Argélia, porque, em 1965, aconteceu o seguinte: o governador, ex-governador de Pernambuco, Miguel Arraes, ele esteve, ele foi preso no dia 1º de abril, ali no Recife, no Palácio das Princesas, e passou um ano ali em Fernando de Noronha, preso lá em Fernando de Noronha. E aí, ele conseguiu, porque antes do AI-5 funcionava o Supremo Tribunal Federal, conseguiu habeas corpus, veio para o Rio, e aqui na Rua Hermenegildo de Barros, ali na subida da Glória pra Santa Teresa, ele entrou na embaixada da Argélia, residência do Embaixador da Argélia, que era ali. E aí ele ficou um tempo lutando para obter salvo-conduto, e recebeu salvo-conduto pra visitar, para ir pra Argélia, como exilado da Argélia. E eu fui escalado por amigos dele, que me conheciam, para acompanhá-lo.

Então, eu fui, uma semana depois eu segui, foi minha primeira viagem para a Europa, fui para Paris e depois pra Argélia, e passei lá três meses e meio, com Arraes e Madalena, esposa dele, viajando pela Argélia, tomando conhecimento das coisas lá, e acabei então escrevendo pra Civilização Brasileira, o meu segundo livro, *Argélia, o caminho da independência*, que durante muito tempo foi o único livro em português sobre o movimento de libertação da Argélia, porque não havia livros em português, tanto que sempre que um novo embaixador brasileiro era designado para Argélia, eles procuravam contato comigo, e no Itamarati, na biblioteca do Itamarati só tinha o meu livro sobre a Argélia, não tinha outro, não tinha, depois não. A partir, durante muito tempo era o único livro sobre a Argélia, em português, em português naturalmente. Na França, muitíssimos deve ter.

Poerner, sobre isso, esse caso da Argélia, qual é o peso que a cobertura internacional tinha no *Correio da Manhã*?

O *Correio da Manhã* tinha ali, sempre teve esmero em ter pessoas de importância ali, era um português Paulo de Castro, anti-salazarista, que era o responsável, era o editor internacional do *Correio da Manhã*. O *Correio da Manhã* dava muita importância à cobertura internacional, e sempre que podia mandava pessoas para o exterior, ou buscava matérias que pudessem fornecer mais informações sobre temas internacionais. Havia um interesse grande por isso, inclusive, porque a Niomar era uma pessoa aberta, tinha um apartamento em Paris, no “VI ème”, então, era uma pessoa voltada para as coisas também internacionais, o que estava ocorrendo no mundo, então, tinha importância sim. Mas é evidente que, a partir do golpe militar, o *Correio da Manhã* passou a ser o jornal da resistência aqui, então, era o tema principal, os temas daqui é que eram os temas, tema das liberdades democráticas, o tema, um empenho grande, o *Correio da Manhã* sempre foi um jornal muito voltado para a política externa, a política externa do Brasil, agora eu estou falando, então havia uma linha assim de resistência, ou melhor, de defesa da política externa independente, adotada desde 1961. Então, essas coisas, essa declaração do Juraci Magalhães, de que, o que é bom para os Estados Unidos é bom para o Brasil, isso tinha uma repercussão catastrófica no *Correio da Manhã*, o *Correio da Manhã* caía de pau mesmo nisso. E todos esses vacilos no envio de tropas brasileiras à República Dominicana, todas essas coisas eram violentamente, ferozmente questionadas pelo *Correio da Manhã*, ele não transigia com isso.

Poerner, você falou sobre a Niomar, qual a participação que ela tinha na posição editorial do *Correio da Manhã*, durante a ditadura?

A Niomar tinha uma posição muito importante, porque a Niomar era a dona do jornal, então, ela era, ela tinha esse espírito guerrilheiro, tinha essa vontade de resistir, porque poderia não ter feito nada disso, ela era uma mulher respeitada no chamado high society ali. Eu me lembro que ela gostava de mim, porque eu falava línguas, então, quando vinha um Embaixador, uma pessoa assim, ela me chamava para o quarto andar para participar do encontro com artista estrangeiro, uma coisa assim, ela me convidava. E ele gostava também de um whiskynho, o que eu, aliás, também já gostava. Então, aconteciam coisas absolutamente inverossímeis, por exemplo, às vezes ela me chamava pra sair: "Vamos não sei aonde?", eu era um redator ali, e um articulista, ao mesmo tempo tinha um bom relacionamento com ela. Então, eu me lembro de uma vez, foi a única vez que eu fui ao Country Club, e ela me chamou pra ir ao Country Club. E eu fui lá com ela, era sócia. E chegamos lá, sentamos numa mesa, que era o ministro, eu cassado, eu cassado numa mesa com o ministro Heitor Beltrão, que era o ministro, se eu não me engano, da Previdência Social do Costa e Silva. E o ministro muito simpático, aliás, coisa e tal, tocava um violão, e aquele ambiente ali. A Niomar era muito, tinha muita, era uma mulher da alta sociedade, presidente de honra também do museu, do Museu de Arte Moderna, Museu de Arte Moderna, e também ela teve muita influência na criação desse museu. Então, eu me lembro das reações da Niomar, Rockefeller que a ajudou, teve papel ali também no museu, de criação do museu, isso já agora, estamos falando já depois do AI-5. Rockefeller vem ao Brasil, foi uma das últimas tentativas de manifestação do movimento estudantil, como existia até então, contra a ditadura. O Rockefeller veio ao Brasil, acho que foi no início de 1969, Niomar me chama, eu ainda estava saindo, tinha acabado de me formar na Faculdade Nacional de Direito, "Pô, Rockefeller vem aí", amigo dela, "Vocês não vão fazer nada não?" [risos], vocês, quer dizer, movimento estudantil, "Vocês não vão fazer nada não?". A Niomar era assim, era uma pessoa que tinha esse espírito, tinha um espírito do guerrilheiro, assim, nesse sentido de resistência a ditadura, muito grande. Tem histórias, tem algumas que talvez teria que ver se são verdadeiras mesmo, porque depois também, com a dispersão, o jornal foi arrendado. Mas conta-se que ela presa, depois ela foi presa, em 1969, e ela, na hora das refeições ali na prisão, traziam aquele copo de água, e ela dizia: "Como é que vocês querem que eu coma com água? Eu preciso de vinho", e ela mobilizou ali a, teria mobilizado, eu não sei, tem coisas que eu não sei, que aí já é a parte meio legendária, tem as coisas que eu vivi e tem as

coisas que são... Que ela teria mobilizado a família, e conseguido que levassem vinho ali para ela, para acompanhar as refeições. Então, a Niomar era uma figura assim muito de espírito, muito combativo, muito combativo mesmo.

Poerner, você nessa época, você era também do Partido Comunista Brasileiro.

Eu era muito ligado ao Partido Comunista, porque, veja bem, quando houve o golpe militar, aí eu não era ainda ligado ao partido, mas o caminho viável, racional, de resistência cultural, foi apresentado pelo partido, era o único caminho que eu via. E eu sempre fui, porque tinha, lá pelas tantas começou a haver uma divisão, uma divisão ideológica, melhor do que ideológica, mais tática, estratégica, entre o povo armado derruba ditadura, e o povo organizado derruba ditadura. Só nesse passado ali, esse participa é que tinha diferença, o povo organizado derruba a ditadura, e o povo armado derruba a ditadura, que é o pessoal da luta armada, começa a se fortalecer a partir de 1968. E eu sempre fui do povo organizado derruba ditadura, sempre achei que se derrubaria a ditadura com inteligência, com articulações políticas, com teses, sempre achei isso, com trabalho político, operário, com as massas, eu sempre achei isso. E teve outras pessoas, igualmente respeitadas, e também com suas análises absolutamente sérias, chegaram a uma conclusão diferente. Eu respeito muitos, e muitos deles morreram por isso, por acreditarem, por defesas das suas convicções.

Poerner, você citou a *Folha da Semana*, você era, você foi diretor ao mesmo tempo em que você trabalhava no *Correio da Manhã*?

Não deixei o *Correio da Manhã* não.

Como é que era a produção da *Folha da Semana* e como era distribuído também o jornal?

A *Folha da Semana* era um jornal feito muito por intelectuais, havia um, vamos dizer, um pé de boi, que era o cara que fazia o jornal mesmo, na raça, fazia tudo, coordenava tudo, era o Maurício Azedo, atual presidente da ABI. Ele era o cara que coordenava mesmo o jornal, que fazia o trabalho principal era ele. Eu era o diretor, mas eu era um diretor, ele me chamava de embaixador, coisa e tal, embaixador, e fazia uns contatos, era o diretor, com nome estampado ali na primeira edição, porque tinha de ter um diretor. Tinha o Sérgio Cabral, que articulava muito as coisas também, e tinha muitas pessoas interessantes que colaboravam, mais ou menos regularmente, e tinha os regulares. Por exemplo, regulares, toda semana, o Leandro Konder, Leandro

Konder, quando eu saí já tinha a Odete Lara, Odete Lara tinha uma coluna sobre teatro, regular, toda semana, a Odete Lara, atriz. Tinha o Ferreira Gullar, Ferreira Gullar tinha um nome respeitado, Alex Viany, desde o início, Alex Viany escrevia sobre cinema né, Luiz Carlos Maciel, eu certamente estou cometendo graves omissões, mas eram assim os que me lembro mais, muita gente boa escrevia ali. O jornal tinha como lemas principais, vamos dizer, como objetivos principais, defesa das liberdades democráticas, não transigia com isso, a defesa de uma política econômica independente, e quer dizer, como chama, de desenvolvimentista.

Poerner, então você estava falando sobre os objetivos da *Folha da Semana*.

É, na verdade, a *Folha da Semana* tinha, vamos dizer, uma linha editorial, uma linha de atuação, que poderia ser resumida em três objetivos, era: defesa das liberdades democráticas, defesa de uma política econômica desenvolvimentista, eles faziam questão de uma política desenvolvimentista, e também, como o *Correio da Manhã*, uma política, a manutenção da política externa independente, que era uma linha adotada desde 1961, com o Jânio mesmo, Jânio, e a retomada dos contatos com os países socialistas. Inclusive, logo depois do golpe militar, aí já entramos mais na área, também é área de jornalismo, embora seja mesclada com literatura, o Ênio Silveira, da Civilização Brasileira, criou uma revista, *Política Externa Independente*, para qual eu colaborei também. Então, eu colaborava pra revista Civilização brasileira, escrevi várias vezes, e eu colaborava pra vários lugares, e dirigia a *Folha da Semana*, durante menos de um ano na verdade, porque veio logo a suspensão dos meus direitos políticos, mas sem nunca me afastar do *Correio da Manhã*, onde eu era ligado Profissionalmente, com registro em carteira profissional e tudo, como redator. Então, as outras eram atividades assim suplementares. Agora, a *Folha da Semana* tinha essa linha que eu falei, os três objetivos básicos, e todos os artigos, praticamente, se pautavam. Não havia, vamos dizer, evidentemente, ninguém reprimia ninguém ali, tudo, tudo muito democrático, mas era uma linha de atuação do jornal. Eu estou me lembrando agora que, inclusive, o primeiro pronunciamento, que eu me lembre, do Jorge Amado contra a ditadura, foi através da *Folha da Semana*, foi uma entrevista que eu fiz com ele, ali no apartamento de Copacabana dele, fui lá entrevista-lo, e nos tornamos muito amigos, e depois ele ia, iria prefaciá-lo o meu romance *Nas Profundas do Inferno*.

Poerner, mas a *Folha da Semana* não sofreu com a censura, com pressão dos militares?

Olha, sofreu violências terríveis. Uma vez, eu me lembro, eu cheguei, a *Folha da Semana* ficava ali na Presidente Vargas, esquina com a Uruguaiana, uma vez eu chego ali, assim, num final da manhã, e a *Folha da Semana* era uma sala, no final de um corredor, o edifício você saltava do elevador, aí seguia um corredor imenso, várias salas dos dois lados, e a última sala à esquerda é a *Folha da Semana*. Aí eu salto ali, lépido e feliz, coisa e tal, olho, tem um grupo de fuzileiros navais, empunhando metralhadoras, na porta daquela sala. Eu, evidentemente, não ia continuar meus passos, aí eu entrei numa outra sala qualquer, perguntei uma bobagem qualquer, "Ih! Me enganei, coisa e tal", e voltei correndo, e fui, desci, e aí já entrei em contato com a ABI. Eu me lembro que o primeiro advogado nesse caso foi, inclusive, o Cândido... Como é o nome dele? Ele foi, tinha sido ministro da Justiça do Jango mesmo, foi nosso primeiro advogado nesse caso. Depois houve uma nova invasão, muito mais violenta, e essas invasões, e agora eu não me lembro bem, se a primeira ou a segunda, ou se foi, como foi, elas redundaram numa IPM, foi um IPM, em que eu fui, eu tive que responder também esse IPM, com Azedo e os outros, era um IPM na Marinha de Guerra, nós íamos lá dar nossos depoimentos, era um capitão, tenente, chamado Bento, que cuidava dessas coisas. Esse processo depois correu, correu, e acabei, acabou sendo arquivado por prescrição, já no Supremo Tribunal Federal, por prescrição. Mas o jornal, então, em final de dezembro de 1966, o jornal aí foi proibido de circular, ele existiu, vamos dizer, um ano, um ano e meio, mais ou menos, e foi uma determinação do ministro da Justiça, Carlos Medeiros Silva, que proibiu a circulação do jornal, aí acabou.

Poerner, você citou a ABI, você foi procurar a associação quando teve a questão da *Folha da Semana*. A ABI e o Sindicato dos Jornalistas, eles tiveram um papel relevante na defesa dos jornalistas durante a ditadura?

Olha, eu na época, a ABI sim, a ABI tinha sempre. A ABI era um lugar onde a gente ia e havia figuras mais ou menos engajadas, mas sempre tinha, sempre tinha, eu me lembro Danton Jobim, vários presidentes, eles tinham suas linhas de defesa da, contra, defesa da liberdade democrática, defesa da liberdade de imprensa, não é, vamos dizer, não houve... Assim, não me lembro assim de ter havido assim um problema em que a ABI tenha enfrentado diretamente, isso eu não me lembro agora, mais tarde sim, a ABI teve uma grande participação na luta pela anistia, isso teve, isso

eu acompanhei do exterior. Na luta, eu, por exemplo, já exilado, pra recuperação do meu passaporte, foi muito difícil, andei muito tempo sem passaporte, com passaporte da ONU, de refugiado político na Europa. Então, essas coisas a ABI, uma pessoa que se destacava sempre nessas coisas era o Talarico, José Gomes Talarico, era um grande, era um homem muito denodado nessa luta, e tinha o Barbosa Lima Sobrinho, sempre também, Barbosa Lima Sobrinho, o Azedo, tinha figuras ali que estavam sempre metidas. Mas eu não posso agora me lembrar, porque eu também, eu era já membro da ABI desde de 1964, mas a gente estava em tantas coisas, não acompanhava tanto. Mas era o órgão a quem recorria um jornalista quando tinha problema, mais do que o Sindicato, porque o Sindicato teve uma fase que era considerado assim meio pelego, meio pelega a direção do Sindicato. Não me lembro mais quem era a pessoa, mas era, ou quem eram as pessoas, mas enfim, não era tão ativo quanto a ABI, era meio apagado nisso, nessa defesa.

Poerner, a quantos inquéritos você respondeu durante a ditadura?

Olha, eu, na verdade, teve esse na *Folha da Semana*, teve um processo que foi do ministro da Educação, o Suplicy de Lacerda, por causa da *Folha da Semana*, estou me lembrando agora, por causa da *Folha da Semana*, Suplicy de Lacerda moveu um processo contra mim e mais uma outra pessoa, protestando contra um texto da *Folha da Semana*. Foi um processo mesmo, longo, que depois também acabou arquivado. Aí eu fui defendido pelo Raul Lins e Silva, advogado. Depois, teve o processo da minha prisão, quando eu fui preso em 02 de abril de 1970 no *Correio da Manhã*, passei três meses e meio preso, que essa prisão é que dali eu tiro, me inspiro pra fazer o *Nas Profundas do Inferno*, aí meu advogado foi o irmão do Evandro, não, o acadêmico, como é o nome dele? O Antônio Evaristo de Moraes, Antonio Evaristo de Moraes, Antonio Evaristo de Moraes, irmão do acadêmico. Esse não chegou a se virar em IPM, esse terceiro caso, foi só prisão, da prisão depois eu saí e me exilei, fui para o exterior.

Poerner, voltando ainda um pouquinho lá trás, em 1968, você lança *O Poder Jovem*, o que motivou esse livro?

O *Poder Jovem*, porque ali no *Correio da Manhã* tinha muitas pessoas ligadas também a literatura, ali no copidesque, por exemplo, tinha o José Louzeiro, José Louzeiro já tinha livros publicados, e eu me lembro que o José Louzeiro me convidou, em 1964, logo depois do golpe, a fazermos um livro em conjunto, com mais três ou quatro outros jornalistas, também alguns do *Correio da Manhã*, intitulado, *Assim Marcha a*

Família. Era um livro de reportagens, de crítica ao movimento das marchas da família com Deus pela liberdade, que precederam o golpe militar. Então, era um livro que, para a Civilização Brasileira, ele já tinha combinado isso com o Ênio. Então, fizemos esse livro, pegando aquilo, aqueles problemas sociais pelos quais sim aquelas senhoras deveriam ter machado. Pegamos aqui, era um livro cáustico, muito duro, aliás, teve circulação proibida em vários estados, Pernambuco, Paraná e tudo, o prefácio foi do Cony. O Ênio era, na área editorial, o que o *Correio da Manhã* era na área da imprensa, o Ênio era isso. O Ênio era, ele, e na época também, deve-se dizer isso, na época, a relação entre editores e editados era ainda muito mais afetiva, muito mais pessoal, hoje em dia, o editado nem conhece o editor, ele é um número ali na editora, mas na época não, tinha, por exemplo, o José Olímpio, era um cara carinhoso com seus autores, com a família, levava as crianças dos autores dele, dos seus editados, para o Jockey Club, para conhecer os cavalos, ele gostava de Jockey Club. O Ênio também era uma pessoa assim. Então, havia uma espécie, havia um encontro informal e quase diário com os editados, o Ênio mantinha com os seus editados, primeiro ali na Rua Sete de Setembro, na livraria, então, iam ali, as pessoas que eram editadas pela Civilização Brasileira iam ali. Ali, eu fui editado com esse livro, *Assim Marcha a Família*, então, a gente passava por ali pra falar de literatura, mas, sobretudo, sobre política, de ditadura, do que se podia fazer, e coisa e tal. Ali eu conheci figuras assim extraordinárias, como Aurélio Buarque de Holanda, que iam lá, passavam ali, não era obrigatório, nada, era uma coisa que o pessoal ia lá pra saber notícia, pra trocar notícia, Aurélio Buarque de Holanda, o Dias Gomes, Dias Gomes, inclusive, trabalhava com a editora, Moacir Félix, figuras assim, o Álvaro Lins, que era considerado o maior crítico literário do Brasil, que tinha sido assessor direto do Getúlio, do Juscelino Kubitschek, como embaixador em Portugal tinha dado azilo a um General, anti salazarista, essas figuras assim, extraordinárias, então, a gente passava lá. E dessas conversas, então, surgiu primeiro o livro sobre a Argélia, por causa da minha ida com Arraes pra Argélia, e em 1966, a ideia do *Poder Jovem*, porque a resistência a ditadura, a resistência ativa a ditadura, tinha praticamente se restringido, a essas alturas, 1966, ao movimento estudantil, o movimento sindical, estava sob intervenção os sindicatos, pelegos, sindicatos inteiramente dobrados, aqui no Rio de Janeiro mesmo, só aqui no Rio tinha uns 47, eu acho, na época, sindicatos sobre intervenção. Então, tinha... O sindicalismo rural, ainda era muito incipiente, tinha havido aquelas tentativas lá do Julião, Francisco Julião, tinha do **Contac** [?], as ligas camponesas, tudo isso foi eliminado, inclusive, fisicamente em alguns casos, no interior, pelos

próprios latifundiários, e pela repressão local. Então, o que restava como forma de resistência era o movimento estudantil e era o intelectual, era o pessoal do teatro também, o pessoal... E o Ênio era isso, o Ênio era o cara que trazia pra cá livros, editava livros que naquela época ele achava que era importante se conhecer no Brasil, tantos e tantos, que seria difícil citar todos, mais tantas coisas, e editava os daqui. Então, ele achou que nós devíamos fazer um, ele me convidou: "Por que você não faz um livro? Você tem a vantagem, inclusive, de ser, ainda fazer parte do movimento", eu era estudantil, fazia Faculdade Nacional de Direito, e era do CACO, e eu encarei esse desafio dele, e comecei a escrever, comecei a pesquisar, muito interessado também em refutar uma tese da ditadura, ditadura começou a reprimir muito essas manifestações estudantis com o argumento de que estudante não deveria se meter em política, estudante deveria estudar. Aí, como os padres também não deveriam se meter, Dom Helder Câmara e tudo, deviam rezar, assim por diante. E aí o pessoal depois fez até uma brincadeira, os militares queriam militar, queriam militar, os militares queriam militar, e os outros deveriam todos não militar e sim rezar ou estudar. Eu comecei a pesquisar e encontrei na Biblioteca Nacional ali compulsando documentos, livros antigos, e também em muitos ex-participantes do governo estudantil, de várias épocas, de épocas passadas, como o Talarico mesmo, o Hélio de Almeida tinha sido ministro do Jango, de Viação e Obras Públicas. Eles tinham material, me forneceram, e eu fui descobrindo que a participação política da juventude, dos estudantes do Brasil, era uma coisa muito antiga, o primeiro episódio que eu encontro é de 1710, a resistência a invasão dos corsários franceses no Rio de Janeiro, Duclerc, e então eu fui, aquilo foi crescendo, foi crescendo, foi crescendo. E o Ênio, já em 1968, primeiro a ideia original minha era até fazer só um artigo, uma série de artigos, aquilo foi virando um livro então. Aí o Ênio, em 1968, no início do ano, começou a me cobrar, disse: "Poerner, manda logo esse livro, a coisa vai agravar aqui no Brasil, manda logo esse livro". Mas aí, finalmente, primeiro houve um problema, ele leu o livro, e ele achou que o livro estava ficando muito violento. Então, o prefácio do livro é do Antônio Houaiss, aí ele disse: "Poerner, com esse prefácio, o seu livro, mais o prefácio do Antônio Houaiss, não dá, esse livro não tem como circular aqui no Brasil. Por que você não pega outro? Eu mantenho o Houaiss, mas a gente pega um outro texto, o do Houaiss vira apresentação e a gente arranja um prefácio de uma outra pessoa que possa abrir, fazer o livro circular", digo: "Quem?", aí ele disse: "O Magalhães Pinto", e o Magalhães Pinto, era, tinha sido [riso], estava tendo uma atitude assim moderada nesse clima já de linha dura, o Magalhães Pinto ainda era uma coisa

assim tolerável, assim menos terrível. Mas eu não queria de jeito nenhum associar o meu nome a um dos líderes do golpe militar. Aí eu deixava isso correndo, e dizia: "Ele vai acabar publicando mesmo", eu pensando. Aí o Ênio, foi passando o tempo e o Ênio não publicava e dizia: "Olha, Poerner, aquele negócio, não publico esse livro assim não". Aí veio o 1º de abril de 1968, o Abreu Sodré, governador de São Paulo, houve manifestação do 1º de abril, do dia dos trabalhadores em São Paulo, 1º de maio, né? 1º de maio. E o Abreu Sodré acabou, inclusive, com uma grande confusão, ele foi apedrejado. Aí o Ênio disse: "O Abreu Sodré, poxa, pelo menos teve o gesto de permitir, não seria possível?", não, mas eu também não queria o Abreu Sodré, o Abreu Sodré não dava. Aí foi passando, até que, vendo que não tinha jeito mesmo, eu me lembrei de uma pessoa que eu tinha entrevistado pra *Folha da Semana* e que tinha simpatizado muito com ele, embora ele também tivesse sido favorável, não ao golpe, mas contra o Jango, ele foi muito contra o Jango, o Peri Bevilaqua, Peri Constant Bevilaqua, neto do fundador da República, Benjamin Constant, ele era um nacionalista, e nós o entrevistamos, eu o entrevistei pra *Folha da Semana*, sobre as primeiras brechas que se faziam no monopólio estatal do petróleo, já naquela época, na lei do monopólio estatal do petróleo. E ele era um nacionalista, e era uma pessoa, e aí, eu digo: "Puxa vida, esse pelo menos tem uma ligação com o que eu penso e tudo isso", aí fui lá na casa do Peri, Peri morava ali no Leblon, na rua Bartolomeu Mitre, ele morava numa casa ali, e aí expliquei pra ele a situação, como é que o livro estava, tudo, ele disse: "Eu faço, eu faço". Aí, ficou ali com os originais, e ele tinha glaucoma, e ele leu aqueles originais, aquelas folhas de papel pautado de jornal, ele leu linha por linha, até que um dia ele me liga, eu já pensando que o problema está resolvido, ele liga: "Não vou poder mais fazer o prefácio do seu livro", "Mas por que, general?", "O senhor compactua com aquela CGT", eu disse: "Sim, mas o livro é sobre o movimento estudantil, vou aí, vou aí, vamos conversar, coisa e tal". Aí fui lá. Ele tinha sido um, ele tinha se oposto ferozmente a sindicalização, a CGT, a CGT na época era Confederação Geral do Trabalho, e era reunião do primeiro, dos sindicatos no Brasil numa entidade, não era ainda uma central, como é hoje. Mas enfim, ele tinha combatido muito isso pelo medo de uma política, de uma republica sindicalista no Brasil, aquela história que precedeu o golpe militar. Então, ele queria que os poderes da CGT fossem tolidos, e o Jânio não aceitou isso. Tanto é que ele, como comandante do Segundo Exército, antes do golpe, ele queria, defendia o Jânio, defendia um governo constitucional, tudo isso, mas queria uma mudança ali. E aí ele, eu fui lá ver, a CGT só é citada no livro, aquele monte de originais, uma vez, porque eu dizia assim: "Com a UNE, com a criação da

União Nacional de Estudantes, em 1937, o movimento estudantil passou a ter uma centralização organizacional de que os trabalhadores procuram, a que os trabalhadores procuram chegar agora com a CGT”, só por causa disso ele não ia mais fazer o prefácio, então, eu digo: “Não seja por isso, general, é uma frase no meio de milhares de frases do livro, eu risco essa frase”. Aí risquei assim, eram duas, era uma frase só, umas duas ou três linhas, aí ficou lá, disse que ia fazer. Aí, no outro dia ele me liga, ele era uma figura muito interessante, era aquela tradição dos militares brasileiros de Augusto Comte, então, ele disse: “Eu estive repensando, minha atitude não foi democrática, o senhor deixe lá a sua frase, que eu vou explicar a minha posição”. Aí depois ele fez então o prefácio, em que diz que ele segue aquela orientação do Voltaire, “Não acredito em uma palavra do que dizeis, mas defenderei até a morte o vosso direito de dizê-la”, aí explica por que, coisa e tal. E nesse prefácio ele defende praticamente a importância do movimento estudantil, “Os estudantes devem participar, porque eles são as futuras lideranças”, mas ele já não vê a coisa da mesma forma para os trabalhadores. Mas enfim, saiu, então, e quando o livro estava pronto, eu entreguei para o Ênio, o Ênio aceitou, agora o livro vai circular e tudo isso. E aí, no dia 28 de março de 1968, tem o assassinato do Edson Luís, e eu me senti obrigado a fazer um acréscimo no livro, e o livro acabou saindo no dia 26 de julho de 1968. Quando veio o golpe militar, veio o AI-5, aí houve uma, os livros que até então já eram, havia, desde então, até então já tinham ocorrido diversas apreensões de livros, e proibições, e tudo isso, mas nada assim muito oficial. Aí passou a ser uma proibição, que era o ministro da Justiça que emitia uma portaria, decretando a proibição e a apreensão de um livro, sempre por duas razões: ou propaganda subversiva, ou ofensa a moral e aos bons costumes. E o meu, felizmente, entrou na lista dos de propaganda subversiva. Então, saiu uma lista com... Eu acho que foi a primeira, ou pelo menos uma das primeiras listas, 20 livros, estão ali o *Poder Jovem*, 20 livros proibidos em todo país e com apreensão recomendada e tudo, e tinha dois de brasileiro, tinha esse meu e o História Militar do Brasil, do Nelson Werneck Sodré. E aí foi então, o livro só voltou a circular, não, quando eles mandaram apreender, o livro tinha sido um sucesso, porque era o tema do momento, era o que ocorria, movimento estudantil. Então, não puderam mais apreender em lugar nenhum. Eu me lembro que na época, quando o livro saiu, 26 de julho de 1968, por aqueles dias também, saiu a primeira edição da *Veja*, a *Veja* tinha uma, na última página, era uma lista dos Best-sellers, dos livros mais vendidos, e o livro passou semanas ali na lista dos mais vendidos do Brasil inteiro, nas listas pelo Brasil, a Civilização Brasileira tinha boa distribuição nacional. Aí,

quer dizer, pelo menos eu fiquei com a satisfação de que eles não puderam mais apreende-los. E depois, já exilado, em 1977, eu recebi na Alemanha uma edição clandestina, que os estudantes fizeram na gráfica da PUC de São Paulo, e isso foi denunciado pelo coronel Antônio Erasmo Dias, que era o secretário de segurança de São Paulo. Ele invadiu a PUC lá, e entre as coisas que ele descobriu ali foi essa edição clandestina. A Civilização Brasileira só pode relançar o livro já em 1979, com a abertura, com a anistia e tudo, aí saiu a terceira edição, ele escreve segunda, porque o Ênio não sabia dessa clandestina, terceira, e atualmente ele está na quinta já, 2004.

Poerner, em 1968, você participa dos acontecimentos com militante e como jornalista, como é que foi essa experiência?

Foi muito grande, sobretudo, eu destacaria, na minha participação em 1968, esses três episódios: do dia 28 de março, o assassinato do estudante, que eu recebo um telefonema, na redação, que mataram um estudante, era uma atriz, mas eu não consigo me lembrar que atriz era essa, "Mataram um estudante e os estudantes estão levando o corpo pra Assembléia Legislativa", Assembléia Legislativa era onde é hoje a Câmara Municipal, ali na Cinelândia. Eu então fiz um texto sobre esse fato, que eu já estava conhecendo muito o assunto, já tinha entregue o *Poder Jovem* para o Ênio, aí fiz um texto e fui pra lá, pra Cinelândia. Quando cheguei lá, aquilo foi crescendo, estava chegando gente, tinham colocado assim na entrada da, hoje Câmara Municipal, na época Assembléia Legislativa, tinham colocado ali uma mesa, o corpo do estudante ali, do Edson Luís de Lima Souto, e as pessoas começando a chegar, já meio à tarde, as pessoas, uns políticos, e gente de oposição, e aquilo foi, eu passei ali a noite, encontrando gente e aquilo crescendo, e transbordando dali pra todas adjacências ali, a rua, e tudo foi crescendo. E eu me lembro que lá pelas tantas, já de manhã, eu fui até em casa, mudei de roupa, tomei um banho e voltei pra lá, sem dormir. E com o pessoal, estudantes, já sabiam que eu tinha feito o *Poder Jovem*, que o livro estava com ele, me convidaram para carregar o caixão, então, fui uma das pessoas que carregaram o caixão do Edson Luís dali até o Cemitério São João Batista. Eu me lembro, quando chegou ali, entre os túmulos do Cemitério São João Batista, uma pessoa que eu encontrei ali foi a Vanja Orico, ali naquele tumulto. E andando ali, da Cinelândia até o cemitério, era interessante, você ia olhando para as varandas, as pessoas se vestindo de preto, as pessoas agitavam panos pretos, se solidarizavam mesmo, muita gente, foi uma solidariedade muito grande. Então, esse foi um grande episódio meu, em 1968, pessoal. Depois, foi o lançamento do livro, em 26 de julho. E

depois a saída pela janela do *Correio da Manhã*, em 13 de dezembro. Quer dizer, foram três momentos bastante emocionantes no ano de 1968, foi um ano muito interessante. Porque foi um ano que, aqui no Brasil acabou daquela maneira, com a ditadura, com o fim do movimento estudantil, tal como existira até então, não tinha mais possibilidade, tanto é que os estudantes só vão voltar às ruas em 1977. Mas pensando hoje, aquela derrota militar ali, ela foi uma vitória, porque aquelas ideias que a gente defendia hoje estão no poder aqui no Brasil, nos temos aquelas teses que a gente defendia, na época, hoje nos temos aí até pessoalmente com certos nomes como Franklin Martins, e tantos, não é? Pessoas que pensavam como a gente, que lutavam pelas mesmas coisas que nós, pela democratização do país, pela amplificação dessa, e aperfeiçoamento da ditadura. Então, estamos hoje, eu considero aquilo foi uma vitória, na verdade, aquilo foi, nós plantamos ali as sementes, mesmo com a derrota inicial, sementes de uma vitória. E no plano internacional, a mesma coisa, no plano internacional, quantas mudanças ocorreram, muita gente não sabe, mas em 1968 aquele movimento em Paris, na França, o maio de 1968, na França, naquela época, as mulheres ainda tinham que pedir autorização ao marido pra abrir uma conta em banco, você já imaginou? Havia coisas muito atrasadas, aquilo foi uma reação a tudo isso, o movimento, eu considero um movimento de rebeldia e inconformismo.

Poerner, mas como que você avalia a cobertura, que na época a imprensa brasileira deu aos acontecimentos nacionais? Como que a imprensa carioca, por exemplo, cobriu esses acontecimentos que estavam acontecendo aqui no Rio de Janeiro?

Olha só, os únicos, o único jornal que dava uma ampla cobertura, por exemplo, era o *Correio da Manhã*, só, só, era o *Correio da Manhã*. E o *Última Hora* também dava, mas o *Correio da Manhã* ia mais fundo, era só, era só o que havia. Porque durante muito tempo só havia isso mesmo. Depois, já nos anos 1970, é que surgem outros jornais, quer dizer, eu não estou falando da imprensa alternativa, imprensa alternativa, eu estou falando da grande imprensa, imprensa alternativa surge antes já, no final dos anos 1960, com o *Pasquim*, que foi um fenômeno jornalístico, e outros que foram surgindo e tudo isso. Mas a grande imprensa, ela só começa a manifestar mesmo a sua resistência já nos anos 70, é quando o *Estado de São Paulo* começa a deixar espaços em branco na primeira página, ou em muitas páginas, onde no lugar das matérias censuradas, ou então a substituir esses espaços por receitas de bolo ou trechos dos *Os Lusíadas*, do Camões, então, essa resistência aberta assim era do

Correio da Manhã mesmo, não tinha, e a *Última Hora* também, *Última Hora* também, mas o *Correio da Manhã* era mais amplo. Você veja a cobertura, é um trabalho que se faz de memória do jornalismo brasileiro, é muito importante ver o trabalho, a edição da passeata dos Cem Mil, do *Correio da Manhã*. Eu acho que isso hoje seria inimaginável, eu não sei se o Peri falou disso, Peri fez um artigo recentemente sobre isso para aquele jornal da ABI, *Edição Histórica*, primeiro volume da *Edição Histórica*, porque era uma coisa impressionante, hoje nenhum jornal poderia fazer isso, hoje o jornal é muito mais mercadoria, tudo hoje é muito mais mercadoria, entende? Inclusive as pessoas. Na época, o jornal poderia, hoje em dia você vê um acontecimento de noite, já não sai no jornal no dia seguinte. Na época, o *Correio da Manhã* se deu ao luxo de fazer uma edição primorosa da passeata dos Cem Mil, era uma coisa com detalhes, mesmo assim, já tinha na época os horários para o jornal ir para os estados, o jornal tinha circulação nacional, mas diante de um fato, às vezes, é mais importante trazer o fato, era a atenção a história, era o papel do jornal na luta pela democracia, isso era o mais importante na época. E com uma Niomar, como diz Sodré Bittencourt, isso era possível, porque ela tinha esse espírito, o empresário normal diria: "Não, corta isso aí, vai assim mesmo e tal". E ela não, ela foi, fizeram uma edição primorosa, o Peri participou disso, Peri foi...

Poerner, você teve a oportunidade, em 1968, de cobrir também os eventos internacionais?

Em 1968, eu não me lembro não. Em 1968, não. Em 1968, eu fiquei muito aqui, com as coisas daqui. Eu só saí do país de novo em 1969. Eu me lembro, foi até o Garrincha que me levou ao aeroporto, porque eu tinha comprado um carro, o *Poder Jovem* vendeu tão bem, que pela primeira vez eu tinha dinheiro assim de direitos autorais, e eu tinha na época uma companheira, que ela tinha uma visão assim muito objetiva da vida, e disse: "Vamos comprar um carro", eu digo: "Mas comprar um carro, pra quê? Eu não dirijo, você também não", aí disse: "Mas depois a gente aprende, coisa e tal". Aí compramos um carro, eu não sabia dirigir, quem dirigia era o nosso vizinho, o Garrincha. E eu, uma vez, depois teve problemas, ele e a Elza, eles contam nas biografias que andando com aquele carro meu acabaram tendo, mas foram seguidos e tudo. Mas foi interessante que uma vez então, eu tive aquela fase de clandestinidade, não dormia em casa, ficava por aí, coisa e tal. Até um dia, fui pra casa, quando chego lá, tinha um pessoal do Partido Comunista, "Poerner, você tem de viajar amanhã para Helsinki", na Finlândia, ia haver um congresso de solidariedade ao povo vietnamita, e

eu seria o representante brasileiro, da esquerda brasileira. Lá fui eu pra Helsinki. Então, o Garrincha me levou lá no aeroporto, e isso, depois de lá eu fui pra outros países, a recomendação era ficar o máximo de tempo no exterior, e eu fiquei também, de lá eu fui pra Yugoslávia, visitei a Yugoslávia, eu tinha contato com os diplomatas aqui no Brasil, dessas, com os caras que fazem serviços da política externa, diplomacia. De lá fui pra Londres, depois fui pra Polônia, fiquei o máximo de tempo possível, sem dinheiro, sem nada, fazendo colaborações espaciais pra jornais de Belgrado, depois *BBC*, em Londres, onde estava o nosso amigo, vários amigos ali em Londres também, agora não vou me lembrar...

O Herzog estava lá, não?

Não. O Herzog, não

O Herzog já tinha voltado.

Estava o Lessa, o Lessa já estava lá, eu acho, Lessa, eu tenho a impressão, não tenho certeza. Mas enfim, então, quando eu voltei ao Brasil, o *Correio da Manhã* já era, já não era mais aquele *Correio da Manhã*, era uma, tinha sido arrendado, então eu fiquei ali muito sem posição, mas que fazia ali meus textos, coisa e tal, até o ano seguinte, quando, em 02 de abril de 1970, fui preso.

Conta o episódio da sua prisão.

Ah, eu cheguei lá, o... E um belo dia, de noite, chegaram ali pra me prender. Na época o secretário do jornal, acho, era o Zuenir Ventura, e já era na fase dos irmãos Alencar, e ele até fez uma coisa boa pra mim, porque ele tentou argumentar com as pessoas que vieram me prender que eu seria fundamental para o fechamento do jornal, o que não era verdade, na verdade eu não era fundamental para o fechamento do jornal. Mas, enquanto ele dialogava ali, e ele se comprometeu, depois do fechamento do jornal, me levar ali ao DOPS. O que foi bom, porque ele ganhou tempo, ele queria ganhar mais tempo ainda, só que eles não aceitaram isso. Mas enquanto ele argumentava, eu ia, de paletó, ia tirando tudo que fosse papel, caderno de endereço, fui soltando tudo ali por aquelas mesas, as pessoas me conheciam ali, quer dizer, eu fui preso sem nada nos bolsos, uma coisa belíssima, não aconteceu nada, não causei a prisão de ninguém, nem deu, houve nenhum problema. E aí ficou aquela coisa eles ficaram tentando me incluir numa coisa. Por exemplo, eu me lembro que uma vez eles queriam me incluir num IPM qualquer, então, uma vez, foi porque na casa do Gabeira,

na casa onde o Gabeira e os outros mantiveram o embaixador americano tinha sido encontrado um exemplar do *Poder Jovem*, com um autógrafo meu para Gabeira, "Ao querido amigo...", aquelas coisas que você escreve em autógrafo. Então, eles queriam me ligar ao sequestro por causa disso, eles inventaram, tiraram o Gabeira, inclusive, o Gabeira estava, não, eu acho que lá na ilha, de frente ao Colégio Naval, na Ilha Grande, estava num desses lugares, e trouxeram ele para acarear comigo. Eu me lembro uma vez, eu estava no térreo, numa solitária ali do PIC, Pelotão de Investigações Criminais, é no final do quartel da Polícia do Exército, na Barão de Mesquita, e aí o Gabeira estava em cima, e o Gabeira, sabendo que ia ser acareado comigo, queria falar comigo. Então ali, fazia o seguinte, o jantar era servido muito cedo, o que eles chamavam de jantar ali saía cinco e meia, seis horas, uma coisa assim, e aí você poderia, podia, se eu não tivesse assim no momento fazendo depoimento nem nada, podia se oferecer pra vender, pra varrer. Eu me lembro que o Gabeira veio ali do andar de cima, varrendo, até entrar ali onde eu estava, sem camisa, aí eu vi, ele estava todo marcado de cortes, cicatriz, da prisão dele, então, ele veio ali pra me dizer: "Olha, só estivemos juntos três vezes", ele soprou ali pra mim, e era pra dizer isso, o que foi muito bom pra mim, muito bom pra mim, porque tinha ali, entre o pessoal do exército e das forças repressoras, tinha aqueles, vamos dizer, que eram os sádicos, propriamente ditos, eles torturavam pelo prazer de torturar mesmo, e quando às vezes não tinham mais ninguém pra torturar ali, porque estava todo mundo já ferrado, eles ainda iam ali, passavam na internada pra pegar gente, eram assim mesmo. E tinha também aquele profissional, que tinha feito curso nos Estados Unidos, oficial, coisa e tal, que achava que era a forma de se chegar a verdade. Por exemplo, se um cara, submetido a tantos, a tantos, a uma força tal de choque elétrico, ele dizia uma coisa, aquela coisa só podia ser verdade, porque ninguém aqueça isso, então, tinha esses caras, tinha esses caras. Eu me lembro do filho, irmão do Cid Queiroz Benjamin, que era bom de, era faixa preta de judô, e ele resistiu, inclusive a prisão, numa padaria. E então, depois ele foi lá, submetido à tortura, e tinha um desses oficiais, que era, que tinha essa visão profissional, da tortura como busca da verdade, então, e o Cid resistiu, valentemente, não... Aí o cara disse: "Poxa, você é macho mesmo, você é bom, você é forte", porque isso valia, ele era um... E esse que me chamou, por exemplo, nessa madrugada, também, por causa do problema dos contatos com o Gabeira, era desses, se batessem os depoimentos, estava resolvido o problema, o problema era bater o depoimento, se ele dissesse uma coisa e eu dissesse outra, íamos entrar no pau os dois até que conferisse aquilo na

cabeça deles, nas cabeças burocráticas também deles. E como conferiu tudo, foi tudo muito bem.

Então isso te poupou da tortura?

Poupou da tortura. Depois houve várias, eles tateavam um pouco. Eu me lembro que houve uma coisa muito, porque tinha ali também oficiais de diversos estilos. Uma vez um coronel, era um coronel bem apessoado assim, e ele chegou pra mim e disse: "O senhor carregou o caixão do Edson Luís, não carregou?", disse: "Carreguei", "É porque, inclusive, nem poderia negar, está aqui", e tinha lá as fotos, aquela foto eu carregando o caixão do Edson Luís, aí o coronel: "Por que que o senhor não carregou o caixão do Chandler?", um militar norte-americano, que foi morto aqui. "Não faço isso profissionalmente", eu disse uma coisa mais ou menos assim. Eu não era carregador de caixão, porque eu carreguei o do Edson Luís, eu iria ter que carregar também o do... E eu sei que foi aceita a minha brincadeira naquela hora, poderia não ser aceita também. Mas a pergunta me foi tão estúpida, idiota, até por que eu teria de carregar também o caixão de todo mundo né? A maneira de pensar do cara. Mas tinha assim, tinha essas coisas. Aí, quando tudo terminou ali, eu me lembro, eu já estava num segundo andar, aí, provavelmente, porque não encontraram nada, assim, houve ainda um, houve lances assim, e tem um lance assim, que sempre tem, uma tragédia tem sempre as coisas, que eu falo das coisas engraçadas, eu penso... E em 1970 foi o ano da terceira Copa do Mundo, ganha pelo Brasil, 1970. Então, veio a Copa. Quando se aproximou a Copa, aí um belo dia, nós todos tivemos as cabeças raspadas, Gabeira e todo o pessoal que estava ali naquela época. Tinha um cara de artes, das artes plásticas, o Zílio, Zílio, então todos tivemos a cabeça raspada, fomos algemados e fomos levados ali da Barão de Mesquita a Rua da Relação, ao DOPS. E então, ia começar a Copa do Mundo, mas eu não acredito que seja, que estivesse relacionado, não sei por que, esvaziaram, mandaram a gente pra lá. Aí chegamos ali, na época, a Rua da Relação, ali no DOPS, não se torturava, ela tinha, ali era um lugar, já tinha sido um lugar de tortura, mas naquela época não, então, ali era um lugar onde ficavam, além de nós, policia que cometessem crimes, policial. Tinha ali um policial, que atendia pelo nome Milton do Pó, os colegas dele chamavam ele de Milton do Pó. E o Milton do Pó tinha lançado a companheira dele, não sei de que andar, corria lá a notícia, ninguém também ia perguntar a ele, mas enfim, ele estava ali aguardando o encaminhamento do processo dele, Milton do Pó. E o Milton do Pó, seja por que razão for, ele buscava aproximação com a gente, ele queria ser um de nós, ele queria ser

preso político, o Milton do Pó, era o sonho dele ser. Então, ele nos tratava muito bem, o Milton do Pó, ele era uma figura meio grotesca, ele andava sempre de cueca, tinha uma cueca assim de seda branca, sem nada, ele tinha uma cabeleira do lado, e em cima era calvo, e tinha, que chamava mais a atenção, ele usava meias, meias pretas, presas com presilha no joelho, e sapatos assim, brilhantes de tão bem engraxados, aqueles sapatos de maestro, quando vai fazer apresentação no Municipal, o sapato dele era assim, comia banana, sem parar, era uma figura. E o Milton do Pó, então, querendo fazer um belo gesto de aproximação com a gente, e se tornar um preso político, resolveu arranjar aparelho de televisão, ia começar... E aí foi aquele negócio, arranjou três aparelhos de televisão, sendo que um, foi a primeira Copa transmitida pela televisão, um aparelho era supra-sumo, era o top de linha naquele momento. Aí a gente contente com isso, a gente não estava sabendo de nada, Copa do Mundo ia começar. Eu me lembro que aí fizemos, na época, nós tínhamos também em essas pretensões de alterar as coisas, então, fizemos uma reunião de diversas organizações para tomar essa decisão crucial, se torceríamos ou não pelo Brasil, e triunfou a tese, a tese muito bem fundamentada de que a vitória do Brasil naquela Copa ia fortalecer a ditadura, porque era o Médici, o Médici ia utilizar isso ao máximo, tinha uma área de divulgação muito boa. Resultado: aprovamos em bloco a oposição intransigente a seleção brasileira, e seríamos todos tchecoslovacos desde criancinha ali, para grande tristeza do Milton do Pó, o Milton do Pó ficou meio decepcionado com isso. Mas aí, começou o jogo, Brasil e Tchecoslováquia, logo de saída, o ponta esquerda tcheco, na época ainda tinha ponta esquerda, faz um gol, e aí é que todo aquele nosso raciocínio político, aquela nossa estratégia política, tão dificilmente articulada, por que que tínhamos que torcer contra, e por isso, e por causa do Médici, por causa do serviço de propaganda da presidência, coisa e tal, aí, tudo isso caiu, e começamos, voltamos atrás a nossa tese gorou, e passamos a torcer freneticamente pelo Brasil, pra grande alegria do Milton do Pó. E terminamos ali, o Brasil ganhou de quatro a um, e nós ali abraçados, confraternizando com o Milton do Pó. E aí, já estávamos até engajados nesse processo, quando, um, dois dias depois, somos todos novamente algemados e recambiados ali para o quartel da polícia do Exército, de onde só sabíamos dos resultados pelo barulho que subia ali pelos, aquele lado ali da Tijuca, ali subia, você ficava imaginando, a bola deve ter passado perto, aquelas coisas assim. E tinha também um enfermeiro, que era, gostava de falar, um baixinho, a gente, às vezes, pretextava uma dor de cabeça, uma coisa, uma dor insuportável e aí ele contava as coisas pra gente, ficamos sabendo do resto da Copa assim. Depois, houve um lance

**Centro de Cultura e
Memória do Jornalismo**

muito engraçado, agora já muito tempo depois, em 1999, foi a primeira Bienal, estávamos lembrando isso estes dias, com o aniversário do Orlando Silva Junior, ministro do Esporte, ele era presidente então da UNE, e em Salvador houve a Primeira Bienal de Arte e Cultura da UNE. Eu fui convidado, ficamos no mesmo hotel ali da armação, o Silvio Tandler, o Dadá Maravilha e eu. Então, um dia estamos almoçando, Dadá Maravilha e eu, Dadá, tinha sido exigida a convocação do Dadá pelo Médici, o Médici era a favor do Internacional, e o Dadá era um astro do Internacional. Aí começou a conversa, o Dadá falando daquilo, tudo isso, e quando eu, almoçando com ele, e aí lá pelas tantas eu disse pra ele: "Mas Dadá, você sabe que...", "Você não viu isso tudo?", aí contei, disse: "Não, Dadá", aí contei pra ele essa história agora, que eu só vi o jogo do Brasil e Tchecoslováquia. Aí o Dadá disse, ele foi mudando de posição, de posição, no final ele terminava assim: "Poerner, eu acho, acho não, tenho quase certeza, eu fui usado pela ditadura". Aí, quando chega o nosso Silvio Tandler, no final dessa nossa conversa, aí ele disse, estava também no mesmo hotel, disse: "Olha, eu vou pedir um favor a vocês, vocês poderiam reproduzir esta conversa, desde o início?", aí foi lá para o quarto dele, pegou a câmera, voltou, e Dadá e eu reiniciamos toda essa conversa para o Silvio gravar, e ele disse que agora vai botar no filme *Utopia e Barbárie*.